



20 ANOS DE OPINIÃO PÚBLICA em Portugal e na Europa

Comentários

Alice Ramos
Cícero Roberto Pereira
José Barreto
José Tavares
Maria José Chambel
Pedro Magalhães
Sofia Aboim

Prefácio

António Barreto

Apresentação

Pedro Magalhães



portal de
opinião
pública

www.pop.pt



Largo Monterroio Mascarenhas, n.º 111
1099-081 Lisboa
Telf: 210 015 800
ffms@ffms.pt

© Fundação Francisco Manuel dos Santos,
Julho de 2013

Director de Publicações: António Araújo

Título: 20 Anos de opinião pública em Portugal e na Europa

Autores: Alice Ramos
Cícero Roberto Pereira
José Barreto
José Tavares
Maria José Chambel
Pedro Magalhães
Sofia Aboim

Pedro Magalhães escreve segundo o novo acordo ortográfico

Revisão do texto: Helder Guégués

Fotografia de Alfredo Cunha

Design: Guidesign

Paginação: Guidesign

ISBN: 978-989-8662-31-6

As opiniões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade do autor e não vinculam a Fundação Francisco Manuel dos Santos. A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada ao autor e editor.

***www.pop.pt* é um projecto da Fundação Francisco Manuel dos Santos, em parceria com o ICS**

ÍNDICE

- 4 Prefácio
As opiniões contam!
António Barreto
- 5 **Apresentação**
Pedro Magalhães
- 6 **O indivíduo**
O indivíduo a olhar para si próprio
Cícero Roberto Pereira
- 12 **A família**
Família e atitudes sociais: Portugal no contexto europeu
Sofia Aboim
- 18 **Os grupos sociais**
A simpatia também é social
Alice Ramos
- 26 **O trabalho**
Centralidade e valores do trabalho
Maria José Chambel
- 31 **A religião**
Panorama da religião na Europa e em Portugal
José Barreto
- 37 **A economia**
Da Vida dos Dados
José Tavares
- 47 **A política**
Nem Portugal, nem Europa
Pedro Magalhães
- 53 **Referências biográficas**



Família e atitudes sociais: Portugal no contexto europeu

Sofia Aboim

Ao longo das últimas duas décadas, foram inúmeras as mudanças que atravessaram a vida familiar na sociedade portuguesa. Alteraram-se significativamente as formas de organização da vida conjugal e parental, com o aumento das uniões de facto, do divórcio e da recomposição familiar ou a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo. A par do reforço das mudanças na divisão do trabalho, com a permanência de elevadas taxas de emprego feminino a tempo inteiro e a emergência de políticas de família destinadas a promover o envolvimento dos homens na vida doméstica e na paternidade, assistiu-se ao declínio acentuado da fecundidade, numa sociedade cada vez mais envelhecida e mais marcada pelo desemprego. Mais do que nunca, é oportuno perceber até que ponto as mudanças na família se manifestam também no plano dos valores. A par da perspectiva temporal que atravessa o breve retrato que fazemos das atitudes dos portugueses em relação família, procura-se igualmente situar Portugal no contexto europeu através de uma óptica comparativa.

A importância e os significados da família

Numa altura em que muito se tem falado de uma suposta “crise da família”, as opiniões dos portugueses, e dos europeus em geral, parecem contrariar esta visão pessimista. Na verdade, entre 1990 e 2011, a família continua a ser considerada importante, não havendo alterações significativas nas atitudes dos europeus. A família era e continua a ser um valor central, havendo convergência europeia a este respeito.

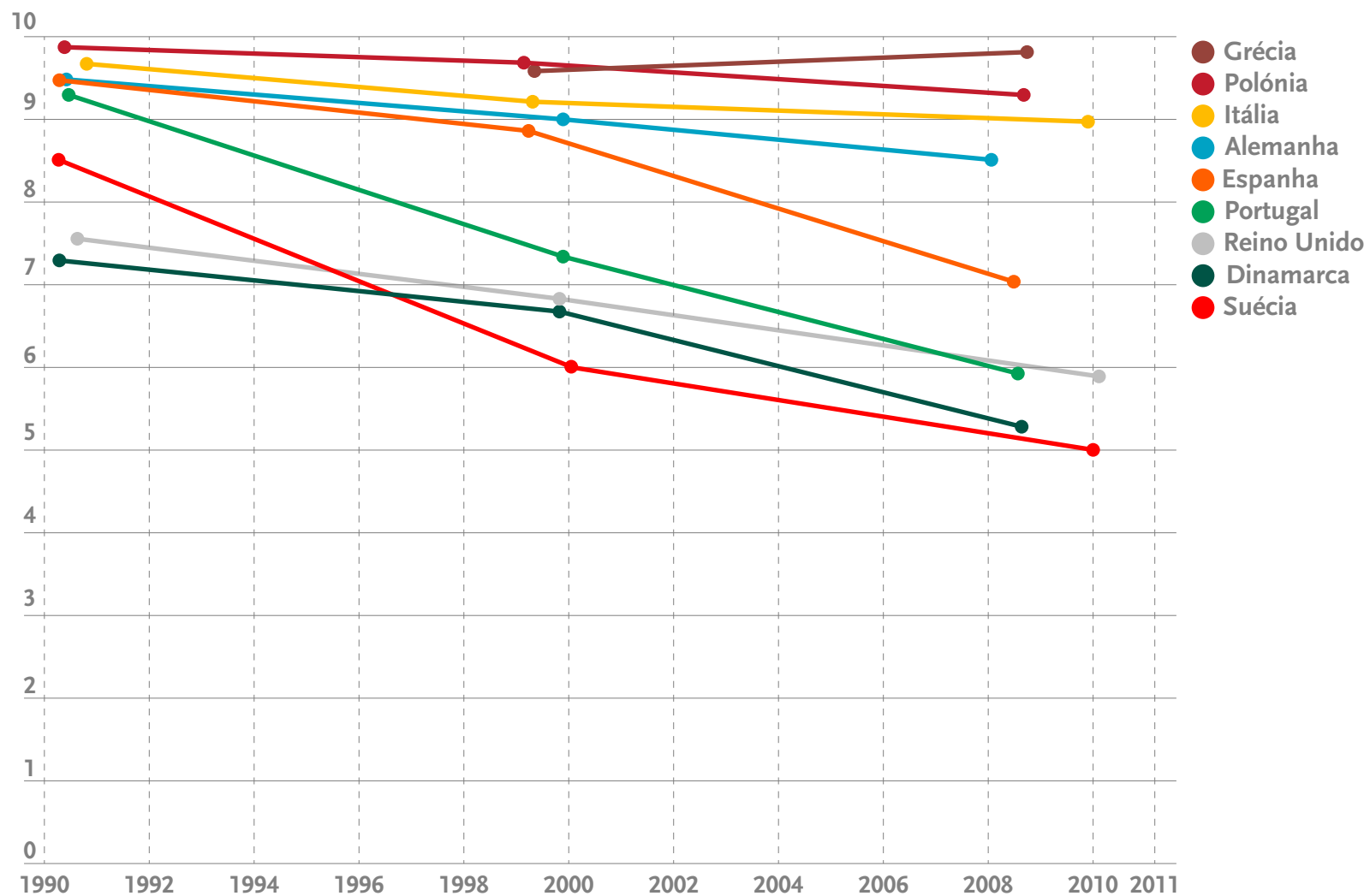
A unanimidade em relação ao valor da família não significa, contudo, que se não tenham alterado os seus significados, assistindo-se à erosão

de valores mais tradicionalistas. Neste sentido, a par, por exemplo, da aceitação generalizada do divórcio, as opiniões relativas à importância de haver um *lar com pai e mãe para que os filhos possam ser felizes* são esclareedoras. Enquanto, em 1990, 93 % dos portugueses pensavam que uma criança seria feliz apenas num lar constituído por pai e mãe, em 2008 somente 59 % da população tem a mesma opinião. Tal como noutros aspectos, a evolução deste indicador no tempo mostra que não podemos, no que à família respeita, falar de homogeneidade de opiniões entre países da Europa do Sul. Se há vinte anos a convergência era notória, na actualidade tende a haver uma divisão entre Portugal e Espanha, onde as opiniões tendem a ser menos conservadoras, e Grécia e Itália, que aparecem como países mais conservadores. Repare-se que 98 % dos gregos e 90 % dos italianos consideram essencial a manutenção da chamada família tradicional. Esta fractura, embora expectável, não deixa de ser relevante e até surpreendente, ao situar Portugal numa posição mais próxima de países como o Reino Unido, a Dinamarca ou a Suécia.



Gráfico 1 Lar com pai e mãe e felicidade dos filhos

% que acham que uma criança só pode ser feliz se crescer num lar com um pai e uma mãe



Fonte POP, Inquérito Social Europeu

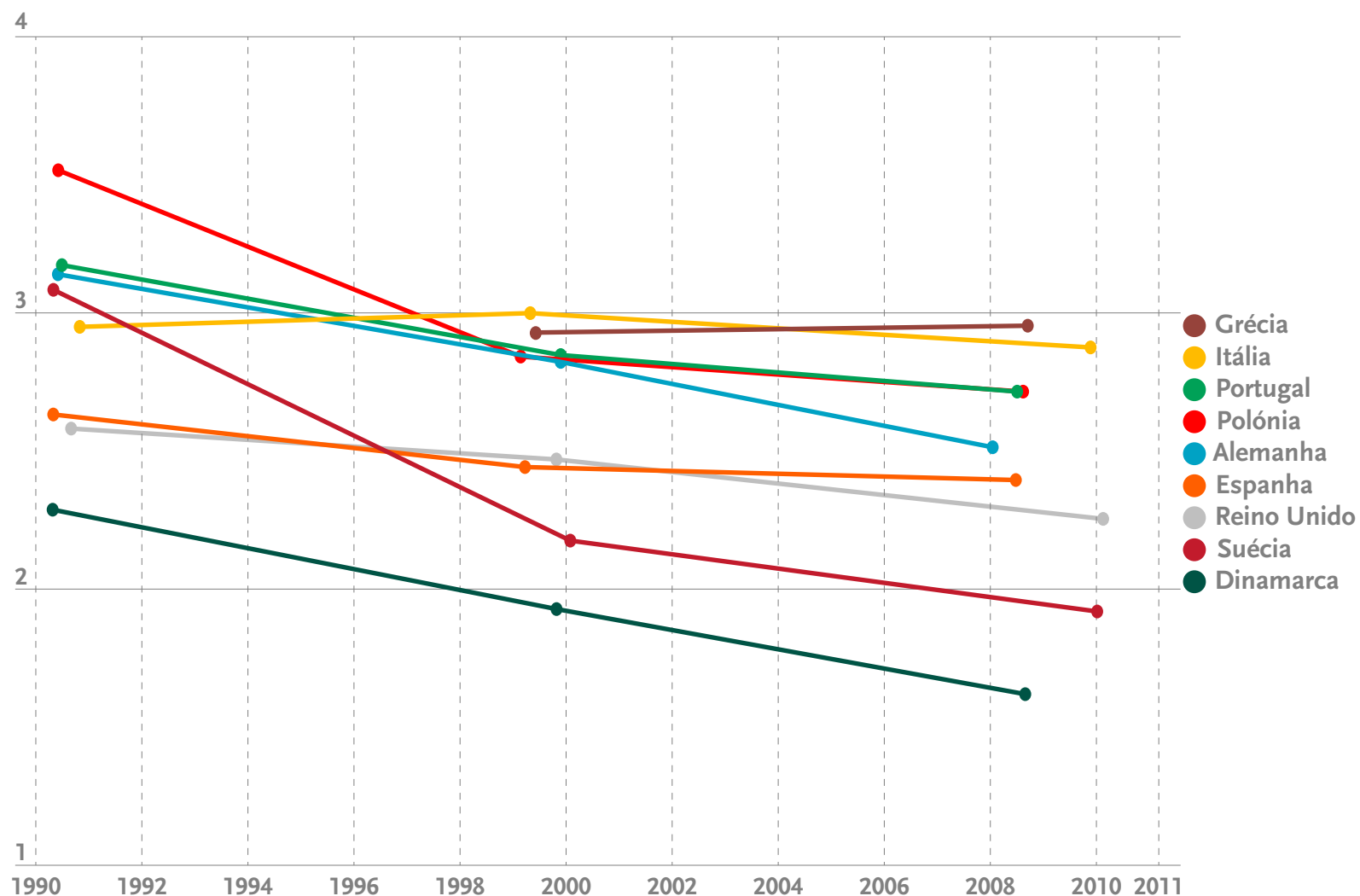
A divisão do trabalho

As atitudes perante a divisão do trabalho entre homens e mulheres retratam igualmente uma Europa fracturada por visões diferentes das relações de género. A ideia de que ambos os membros do casal devem contribuir para as despesas da casa é relativamente consensual no contexto europeu. Porém, quando se trata do trabalho pago das mulheres, o panorama é mais diversificado e atitudes fortemente maternalistas tendem ainda a opôr-se a visões mais conciliadoras entre o ideal de mulher-mãe e o de mulher-trabalhadora.



Gráfico 2 Crianças sofrem se a mãe trabalha fora de casa?

Valor médio, numa escala de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente)



Fonte POP, Inquérito Social Europeu

Não obstante a elevada participação das mulheres portuguesas no mercado de trabalho e a aceitação de um modelo conjugal de duplo emprego a tempo inteiro, as atitudes em relação ao impacto negativo do trabalho das mães sobre as crianças pequenas são bastante mais frequentes em Portugal, Itália, Grécia ou Polónia, por comparação com os países do Norte europeu. Nas últimas duas décadas, em Portugal, esta ambivalência entre o que se faz e o que se pensa tem diminuído, notando-se hoje um enfraquecimento da ideia de que as crianças sofrem pelo facto de as mães trabalharem fora de casa. Todavia, quando se trata de saber se para uma mulher ser dona de casa é compensador, as atitudes dos portugueses aproximam-se novamente das dos suecos e dinamarqueses e afastam-se das encontradas noutros países da Europa do Sul, como a Itália ou a Grécia. Os portugueses e os espanhóis também se aproximam dos norte-europeus na recusa da ideia de que *o que uma mulher quer é ter um*

lar e filhos. Em matéria de atitudes face à família, Portugal e Espanha têm vindo a distanciar-se progressivamente da Grécia ou da Itália. A visão tradicional das mulheres como donas de casa e mães é exemplo dessa crescente fractura, demonstrando-se assim a diversidade interna existente no Sul da Europa.

As relações entre gerações: o valor do respeito

Se os portugueses mostram opiniões que se aproximam, por vezes, mais dos países do norte, noutros casos aproximam-se mais dos países do Sul ou do Leste europeu, pela predominância de opiniões que, seguindo em traços muito gerais o esquema analítico proposto por Inglehart⁸, enfatizam aspectos materialistas (respeito, autoridade, trabalho) ao invés de valores pós-materialistas (criatividade, tolerância, autonomia).

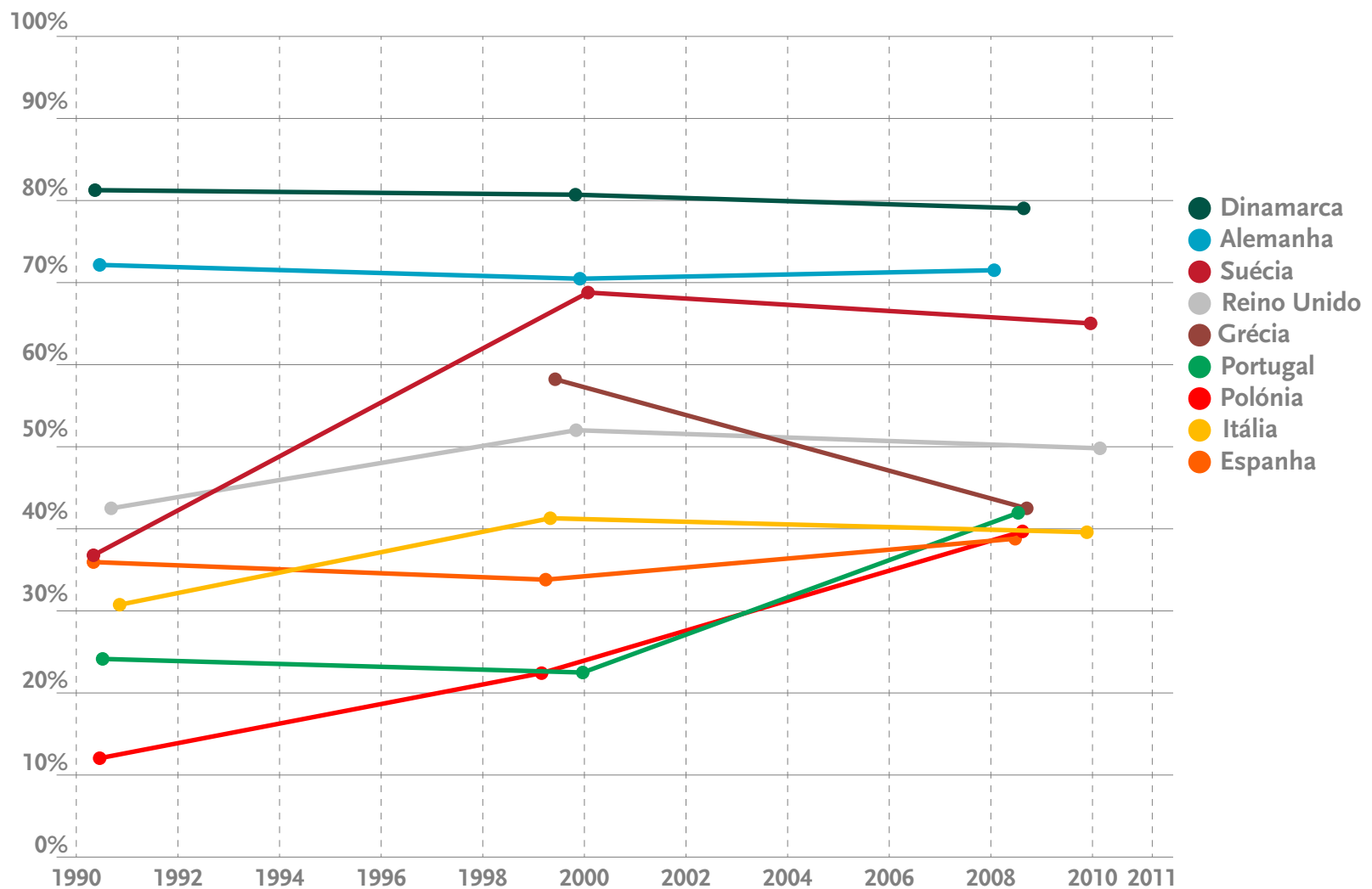
As relações entre pais e filhos constituem um exemplo particularmente ilustrativo. O dever de amar e respeitar os pais congrega actualmente a concordância de 82 % dos portugueses (encontrando-se valores idênticos em Itália, Grécia ou Polónia). Em contraste, apenas 26 % dos suecos ou 39 % dos dinamarqueses partilham a mesma opinião. Os valores que se entende dever transmitir aos filhos são igualmente reveladores. A independência, enquanto expressão de autonomia individual, é claramente um valor indicativo da adesão a uma determinada visão do que é a pessoa enquanto cidadão capaz de pensar e realizar coisas por si mesmo. Presentemente, apenas 42 % dos portugueses consideram ser essa uma qualidade a ensinar aos filhos. Apesar de a independência ser hoje mais valorizada do que em 1999 (apenas 22 % de concordância), o contraste com os países do Norte da Europa é marcante, ao mesmo tempo que se acentua a proximidade com os países do Sul e do Leste. Tendências similares aplicam-se a outros valores. De um lado, imaginação, criatividade, tolerância; de outro, trabalho, responsabilidade, poupança.

8 Ver, por exemplo, Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution*. Princeton: Princeton University Press.



Gráfico 3 Valores a ensinar aos filhos: independência

% que mencionam 'ser independente' como qualidade a ensinar aos filhos



Fonte POP, Inquérito Social Europeu

Portugal no contexto europeu

A comparação, no tempo e no espaço, das atitudes face à vida familiar é particularmente importante por permitir obter uma visão mais complexa das opiniões das pessoas nos vários países europeus, evitando cair em oposições simplistas entre Sul, Norte, Centro ou Leste, como frequentemente sucede. O caso português mostra que, em algumas dimensões, as opiniões estão próximas dos chamados países escandinavos e noutras se aproximam de países do Sul ou mesmo do Leste da Europa. Portugal aparece assim como um país dividido entre valores que podemos considerar mais modernos (o trabalho das mulheres, a aceitação do divórcio e da pluralidade de formas familiares) e outros que ainda remetem para uma concepção mais tradicional da família (a visão das mulheres como mães, a importância do respeito pelos pais, os valores a transmitir aos filhos).